

Promoção:



# COEB 2012

CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO

Apoio:



## EDUCAÇÃO, ÉTICA E SUSTENTABILIDADE

Daniel José da Silva  
UFSC  
daniel@ens.ufsc.br

**RESUMO:** Apresenta-se neste texto a seqüência dos argumentos da palestra sobre o tema a ser realizado no Congresso de Educação Básica 2012, pelo Autor. O ponto de partida é a proposição de entendermos a *sustentabilidade* como uma emoção secundária passível de ser experimentada e ter seu significado pedagógico construído por marcadores somáticos. O ponto de chegada é uma segunda proposição, a de que, sim, podemos conceber e executar projetos pedagógicos de ações transversais sobre o tema da sustentabilidade em nossas escolas e cidades, numa nova *PAIDÉIA* cultural, humanista e civilizatória. Para facilitar a compreensão dessas duas proposições apresenta-se uma recuperação da invenção do fenômeno da *educação* no período clássico grego e suas *relações originais* em torno das *virtudes, éticas e emoções* fundadoras do humano, em especial as idéias de pedagogia, professor, escola, cidadania, cidade, humanismo, barbárie e civilização.

**PALAVRAS-CHAVE:** EDUCAÇÃO, ÉTICA, SUSTENTABILIDADE

**ABSTRACT:** This text presents the sequence of arguments of the lecture to be held at the Congress of Education by the Author. The starting point is the proposition that we understand sustainability as a secondary emotion that can be experienced and have their pedagogical meaning constructed by somatic markers. The final point is a second proposition, that, yes, we can design and implement educational projects for cross-cutting actions on the issue of sustainability in our schools and cities. To facilitate understanding of these two propositions we present a recovery of the invention of the phenomenon of education in the classical Greek and their relationships around the original virtues, ethical and emotions founders of human spirit, especially the ideas of pedagogy, teacher, school, citizenship, city, humanism, barbarism and civilization.

**KEYWORDS:** EDUCATION, ETHICS, SUSTAINABILITY

### 1. INTRODUÇÃO

Existe uma relação original entre as palavras *emoção, ética e educação*. Elas foram sentidas, pensadas e forjadas pelo espírito humano num mesmo tempo. A *ética* enquanto *emoção verdadeira* certamente foi a primeira síntese humana. Após a emoção, é claro. Em seguida foi gestada a *educação*, como resposta à necessidade de construir a dialógica emoção-ética. Com esta veio a ideia de *escola*. Da mesma forma, existe

também uma relação original entre *degradação, ética e sustentabilidade*. A *sustentabilidade* é uma ética. Uma ética que responde em sua origem a emoção de constrangimento à degradação do mundo, tanto da natureza quanto dos humanos que o degradam. Somente vemos e tomamos consciência da degradação quando manejamos um conceito operativo de sustentabilidade. E este conceito vem da experimentação de uma emoção que uma vez trabalhada pedagogicamente pode ser somatizada como uma ética. Neste texto procuraremos mostrar alguns argumentos sobre a originalidade dessas três palavras -- *educação, ética e sustentabilidade* -- e de como estamos cada vez mais distantes do espírito humano que as criou.

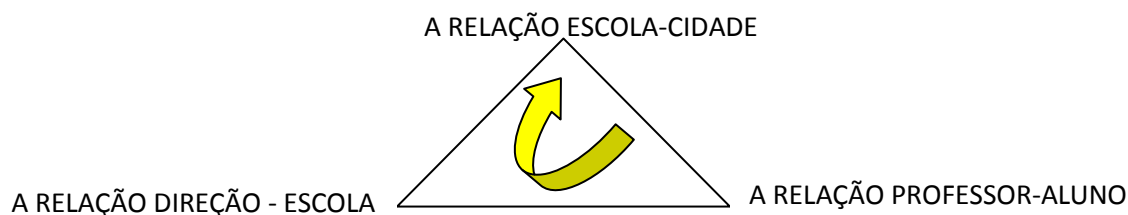
A *educação* como o sistema político de formação do humano e de sua qualificação para um viver civilizado tem seu início no século VIII AC, ou mesmo antes, conforme reconhecido pelos estudiosos da cultura clássica grega, em especial Werner Jaeger, Henri-Irénée Marrou, Bruno Snell e Jean-Pierre Vernant, autores que dentre outros serviram de base para os nossos estudos. Esse sistema evoluiu de um primeiro formato baseado no ensino das virtudes (*aretè*), passando pela formação cidadã (*polis*) e chegando à construção de habilidades técnicas (*tekhne*). Da mesma forma que identificamos uma relação original entre *educação e ética*, a qual associamos a ética da sustentabilidade, podemos dizer que *na origem* havia também uma relação original entre *ética, cidadania e habilidades ou qualificações*. Nesse artigo vamos trabalhar as relações originais que permitem a compreensão do surgimento do fenômeno educacional e do papel central da *ética* em sua consolidação. O tema da sustentabilidade será abordado como uma nova ética a ser considerada nos programas educacionais de modo a qualificar o humano para os desafios culturais de uma sociedade sustentável.

O argumento principal do artigo é a contextualização atual da proposição socrática “*areté es episteme*”, conforme colocado pelo filósofo Francisco Bravo. Uma ética, considerada como uma virtude humana, pode ser um conhecimento adquirido? As ciências cognitivas e a pedagogia construtivista nos permite responder de forma afirmativa: sim, é possível construir emoções secundárias com a educação e associar a essas emoções um valor ético. Este parece ser o caso com respeito a sustentabilidade. Os seres vivos, incluindo nós, os humanos, não nascemos com informações genéticas sobre um viver sustentável. Na natureza a sustentabilidade acontece como uma emergência dos ecossistemas. Nas sociedades humanas ela terá que acontecer como

uma emergência cultural de nossas cidades, nações e países. E para que isto aconteça as escolas precisam construir uma nova *PAIDÉIA*, *um novo programa de formação ética e humanista para as crianças, jovens e cidadãos. ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS.*

## 2. SOBRE A EDUCAÇÃO

As origens da ideia de *educação* podem ser articuladas em torno do seguinte fractal:



**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO** é a relação pedagógica original fundadora do fenômeno da Educação. É pedagógica por se tratar de uma relação de aprendizagem mútua. O professor que deixa de aprender com seus alunos se afastam do espírito original da educação. Sócrates ensinou Platão, este ensinou Aristóteles. É difícil imaginar que Sócrates não tenha aprendido com Platão e este com Aristóteles. A relação professor-aluno acontece sempre num território determinado, o território da educação. Iniciou pelas casas das pessoas, passou pelas praças públicas e finalmente encontrou na sala de aula a sua expressão máxima e definitiva. É no pequeno espaço de uma sala de aula que recebe um professor e uma turma de alunos que o fenômeno histórico e cultural da educação acontece e tem acontecido ao longo desses últimos três milênios. Na origem temos as duas pedagogias que permanecem até hoje: a expositiva, praticada pelos professores *'sofistas'* e a construtivista praticada pelos professores *'socráticos'*. Em ambas o perfil se mantém. O professor é um humanista, protetor de seus alunos, estudioso, aprendiz, pesquisador, experimentador, animado, apaixonado, piedoso, guia, honrado, respeitável, responsável, honesto, corajoso, diplomático, mediador, político, líder, organizado, rigoroso, esteta, orientador, amoroso, amigo... entre outras virtudes.

**A RELAÇÃO DIREÇÃO-ESCOLA** é a segunda relação original fundadora da Educação. Esta relação é de natureza política e trata da elaboração e aplicação do programa dos conteúdos a serem ministrados pelos professores com o apoio dos

funcionários e a participação dos pais. Os gregos chamavam este programa de *PAIDÉA*. Nos tempos atuais chamamos de *PPP – Projeto Político-Pedagógico*. A *PAIDÉA* evoluiu em acordo com as mudanças culturais e com a inovação de conceitos e visões. O primeiro momento da Educação (entre 1000 a 600 aC) foi aquele dominado pela obra poética de Homero. Dos versos da *Ilíade* e da *Odisseia* saíam todas as virtudes a serem ensinadas aos jovens: a coragem, o amor, a traição, a paz, a guerra, os deuses, a beleza, a amizade, entre tantas outras praticadas pelos personagens da guerra de Troia e do retorno de Ulisses a sua amada Penélope. O segundo momento definidor do conteúdo da *PAIDÉA* (entre 700 e 400) foi decorrente da invenção da condição cidadã. Primeiro em Esparta e em seguida em Atenas, os gregos propuseram novos conceitos firmados em novas emoções para as quais precisavam de novos programas educacionais: história, política, identidade cultural, cidadania, soberania, território, leis, democracia, diplomacia. O terceiro e último momento (500 a 180) deste início do fenômeno da Educação foi o voltado para a formação especializada das atividades civis, não mais militares, a começar pela política das coisas públicas, das diversas técnicas construtivas da cidade, da medicina, das artes, etc. Os gregos mostraram que se mudam as estruturas (programas) para que permaneçam as organizações (as escolas). E sempre que se deseja mudar a cidade, muda-se primeiro a *PAIDÉA*. Muda-se primeiro a escola. Os resultados do que acontece em sala de aula devem ser buscados esteticamente na escola. Se na sala de aula, cabe ao professor fazer a diferença, na escola cabe ao diretor fazê-la o mais próximo de seu espírito.

**A RELAÇÃO ESCOLA-CIDADE** é a terceira relação original fundadora da Educação. Ela é de natureza cultural e explicita as determinações legais e morais que a cidade (a *POLIS*) deseja ver trabalhado na *Paidéia* escolar, ou seja, deseja ver praticado pelo cidadão. O elemento central desta relação é a presença do espírito pedagógico das leis no programa da *PAIDÉA* escolar. Ensinam-se as leis e aprende-se na escola a praticá-las e a respeitá-las. Ensina-se a legislar, a criar leis, a fazer política, a governar as cidades, a valorizar a democracia e cuidar e proteger a ética na política, pois esta tem o poder de corrompê-las. Ensinam-se as virtudes e a identificar suas corrupções. A cidade, na concepção original da Educação sempre foi o ambiente formador maior. É na cidade, em suas ruas, luzes, qualidade de vida, sons, mobilidade, higiene, saneamento, calçadas, prédios, trabalho, segurança, beleza, gentileza, natureza, espaços públicos, vida social e cultural, artes, leis e tudo o mais que a caracteriza que se buscava a presença e o sentido

das escolas. E vice-versa. As escolas foram fundadas para formar os cidadãos. Para que estes pudessem manter e desenvolver as cidades dentro de uma perspectiva humanista e civilizatória, protegida da barbárie e de sua violência. A cidade como um espaço de aprendizagem permanente, consciente de que sem uma educação a altura a cidade pode retroceder nos tempos, voltando aos tempos de injustiças, brutalidades e insegurança.

### 3. SOBRE A ÉTICA

As origens da ideia de *ética* no processo de consolidação da Educação pelos gregos podem ser articuladas em torno do seguinte fractal:



**A ÉTICA DAS VIRTUDES** diz respeito ao primeiro momento histórico da fundação da Educação e responde afirmativamente a proposição socrática de que *virtude é conhecimento*. Isto significa dizer com as palavras e o conhecimento de hoje que o humano nasce com a biologia do emocionar e não com as emoções. Humberto Maturana e Francisco Varela, na década de 70 e Antonio Damasio na de 80 do século passado são cientistas que nos ajudam a compreender melhor esta proposição socrática de dois mil e quatrocentos anos. Os primeiros a afirmarem que o humano se constitui por possuir uma biologia do amor e o segundo por distinguir as duas únicas emoções genéticas do humano, o amor e o medo, chamadas de *emoções primárias* do restante das demais emoções que o humano experimenta ao longo de sua vida, tais como a gentileza, a coragem, a honestidade, a paz, o bom humor, a responsabilidade social, chamadas de *emoções secundárias*. Essas emoções podem ser construídas pedagogicamente e experimentadas e praticadas, de modo a consolidar na biologia do corpo a memória cognitiva (rede neurológica e sistema imunológico) de cada uma das emoções. São os marcadores somáticos de nosso corpo e de nosso espírito segundo os quais cada um de nós, humanos, vamos justificando nossas ações no mundo. A Educação, portanto se

funda no ensino das virtudes humanas, enquanto éticas que o corpo humano experimenta como emoções. A Educação como a educação da ética das emoções.

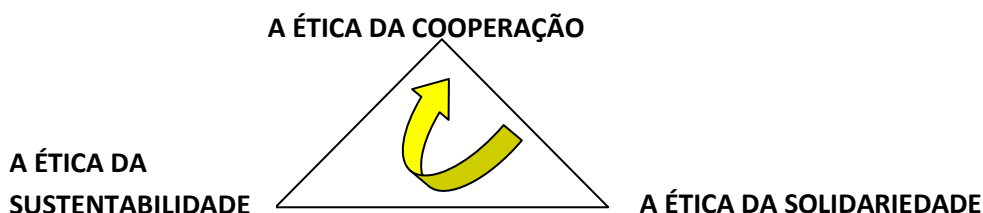
**A ÉTICA CIDADÃ** corresponde ao segundo momento histórico da Educação e tem nas virtudes das políticas o seu principal programa. Agora se trata de não somente educar um humano a viver de forma civilizada, mas também formar um cidadão que seja capaz de reconhecer seus direitos e deveres para com a cidade com a qual possui sua pertinência histórica e ecológica. Os sentimentos de pertencimento, de *religare* e de identidade a uma cultura, uma história, uma língua, um território são agora as emoções a serem trabalhadas pela educação. Completando este conjunto vinham as leis, seu estudo e sua aplicação no cotidiano do viver cívico. E a disposição de combater e morrer por esses sentimentos. Esparta e Atenas inventaram e praticaram por vez primeira na história humana a ideia de morrer pela pátria. Os soldados gregos eram soldados cidadão. Não mais mercenários ou escravos. Para isso foi preciso ter inventado antes a Educação, a escola e a ideia de *paidéia*. Assim chegamos a segunda associação da ética com as origens da Educação. A educação da ética da política.

**A ÉTICA HUMANISTA** corresponde ao terceiro momento histórico no qual a Educação transcende as formações aristocrática das virtudes e militar da política e passa a incorporar uma *paidéia* civil, de qualificação e especialização técnica para dar conta das demandas de uma sociedade cada vez mais exigente e complexa. A filosofia do humano e sua pedagogia, com Sócrates; a política das cidades, com Platão; a diplomacia da paz, com Isócrates; a investigação científica laboratorial, com Aristóteles; a medicina, com Heródoto são exemplos deste momento. Assim chegamos a terceira associação da ética à Educação, a que trata das éticas específicas das profissões que os cidadãos vão adquirir em seus processos de formação. Essas éticas, enquanto emoções verdadeiras, dizem respeito às expectativas da sociedade quanto a qualidade do serviço prestado pelo cidadão qualificado. Perpassando de forma transversal todas essas éticas profissionais e suas expectativas sociais está a ideia central de formação do humano. Uma formação que se estabelece como permanente, continuada e inovadora, características sem as quais o fenômeno humano resulta reduzido, atrofiado, mutilado, enfeado, violentado, barbarizado. O distanciamento entre a educação e a ética também é um legado dos gregos. Mas eles nos deixaram os recursos filosóficos para realizar a

sua crítica. Nos tempos atuais Luigi Zorja nos ajuda a compreender a perda de uma das principais éticas, a **ética do limite**, aquela que nos permite aplicar a máxima de Protágoras, *o humano como medida de todas as coisas*. Outra ética perdida foi a **ética do cuidado**, tema hoje bem apresentado pelo movimento feminista. Uma terceira ética perdida no espaço escolar é a **ética da coragem**, que Cynthia Fleury nos recupera como aquela capaz de nos salvar da cultura da indiferença, arrogância e desprezo na qual estamos mergulhando fundo.

#### 4. SOBRE A SUSTENTABILIDADE

A ideia de uma sociedade sustentável pode ter como marco histórico a ECO'92, junção de dois eventos mundiais que aconteceram no Rio de Janeiro simultaneamente em Junho de 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e o Fórum Global da Sociedade Civil. O Fórum deu origem a Carta da Terra e a um conjunto de Tratados Internacionais para a construção de uma Sociedade Sustentável e a Conferência referendou diversos acordos internacionais a começar pelo conceito de *Desenvolvimento Sustentável*. Desde então, lideranças políticas, sociais e econômicas, e técnicos, gestores, cientistas e professores tem se esforçado para compreender as implicações da aplicação deste novo conjunto regulatório mundial. A seguir apresentamos uma valorização do conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS) em torno de suas três éticas e emoções sentidas por uma pessoa ao praticá-lo:



**A ÉTICA DA SOLIDARIEDADE:** A solidariedade é a emoção do partilhar, do doar e pressupõe uma economia prévia, uma poupança. Não se pode doar o que não se tem. Com esta ética o DS está propondo que deixemos um mundo melhor como legado para os que virão. Trata-se, portanto, de colocar-nos de acordo sobre a construção deste legado e de como todos poderão participar. A ética de solidariedade com as gerações futuras *implica* numa solidariedade entre as próprias gerações atuais, de modo a reduzir

a indiferença humana, causa maior da degradação da natureza, da violência de nossas sociedades e da dificuldade das pessoas em usufruírem uma melhor qualidade de vida. Esta ética emerge da associação intergeracional, quando propõe um compromisso de sustentabilidade a ser assumido pelas gerações atuais com as gerações futuras.

**A ÉTICA DA SUSTENTABILIDADE:** A segunda ética emerge do objeto da solidariedade com as gerações futuras, o ambiente. Mais precisamente a natureza que ocupamos e a cultura com a qual nos servimos dela para viver. A sustentabilidade é a emoção de colher o fruto, de plantar a semente, de cultivar a maturidade, sempre com a consciência de não esgotar as fontes. Esta consciência, entretanto, não está impressa no código genético do vivo. Ela é uma emergência, uma resultante do viver em conjunto. O DS, ao propor relações sustentáveis entre as atuais gerações e a natureza, está propondo que aprendamos a usufruir da natureza conhecendo e preservando seus limites ecológicos e suas dimensões organizacionais. A ética da sustentabilidade *implica* numa adequação ecológica e cultural de nossa cultura de planejamento e gestão dos territórios, de modo a reduzir a arrogância econômica e a intolerância política, causas maiores da geração e perpetuação dos conflitos ambientais e sociais.

**A ÉTICA DA COOPERAÇÃO:** Existe um caminho a ser percorrido entre a primeira e a segunda ética. Com facilidade nos colocamos de acordo em sermos solidários com nossos filhos e netos, bem como em trabalharmos para deixar-lhes um mundo melhor, mais pacífico, justo e sustentável. Entretanto, temos muitas dificuldades de nos colocar de acordo sobre como fazer isto de forma coletiva. Ou simplesmente não sabemos como fazer. A terceira ética do conceito de DS diz respeito à emoção fundadora deste *como fazer, de como trilhar o caminho entre a solidariedade e a sustentabilidade*. A cooperação (co-operar-ação) é a ação de operar em conjunto. É a lógica de operação de todos os sistemas naturais sustentáveis. Ela não exclui a competição, mas esta é um comportamento menor e circunstancial, nunca determinante e exclusivo. Esta terceira ética é uma emoção do tipo pedagógica, quando se sente que estamos indo bem, que teremos um bom resultado, mas que estamos num processo, em construção, caminhando e que o futuro não está determinado, apenas almejado e protegido. Esta terceira ética, ao tratar do caminho, nos diz apenas que ele deverá ser realizado com todos os interessados, com todos os participantes, com todos aqueles que tem o compromisso



com as suas gerações futuras. Trata-se portanto, apenas de garantir uma forma de participação, de aprender a ouvir a opinião do outro, mesmo que com ela não se concorde, de dar-se os tempos necessários a que todos possam se inserir de forma qualificada no processo e nele possam influir estrategicamente e que hajam indicadores que possam avaliar e criticar tanto o processo quanto os resultados. Nós já temos hoje o marco legal desta participação qualificada e estratégica. Ela está nos fundamentos das leis federais que estabelecem as políticas públicas de DS em nosso País em torno dos bens comuns da Nação, a água, os ecossistemas, as cidades, as florestas, a saúde e o saneamento, entre outros.

## 5. REFERÊNCIAS

- BRAVO, Francisco. Que significa Episteme en la proposicion socrática *Areté es episteme*. *Revista Hypnos*. Ano 8, n.10. 2003. p. 11-23 São Paulo.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DAMASIO, Antonio. *O Erro de Descarte*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- JAEGER, Werner. *PAIDÉIA*. México: Fondo de Cultura Economico, 1992.
- LEVY, Edmond. *Sparte*. Paris: Seuil, 2003.
- MARROU, Henri-Irénée. *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. 1. Le monde grec. Paris :Seuil, 1948.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Arvore do Conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e as origens do pensamento Europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

- ZOJA, Luigi. História da Arrogância. São Paulo: Axis Mundi, 2000.